

A escravidão do século XXI

15 MARÇO 2017, FIDELTON EMÍDIO



Tráfico de seres humanos

Tratamo-lo por Artur, para proteger a sua identidade. Saiu de Inhambane para Maputo em busca de dinheiro para continuar a estudar. Quando chegou à cidade grande, a expectativa era de ter uma vida melhor. Semanalmente, conseguia guardar cem meticais para a sua pequena economia. O tempo foi passando, até que dois jovens, aparentemente de boa índole, lhe propuseram um emprego que renderia dez vezes mais do que ganhava.

A imaginação fez-se viva e encheu-lhe os olhos de ilusões que pareciam o caminho certo. Mas o destino atraçou-o. A expectativa de ter emprego fê-lo cair na mão de traficantes. O sonho foi o primeiro passo para o pesadelo... Foi levado para Ressano Garcia, junto com mais três jovens, que também sonhavam em ter um futuro promissor. Em pouco tempo, já se encontrava na “terra do rand” clandestinamente. A tortura foi o acto de “boas-vindas”.

O grupo de homens que prometeram sonhos só lhe ofereceram pesadelos. Violentaram-no, deixando sequelas no seu corpo que irá carregar para o resto da vida. Foi-lhe cortado o dedo indicador direito com uma faca e ainda se vê uma grande marca no pé. A cicatriz conta a história: os malfeitores tentaram cortar-lhe o pé direito, mas resistiu e eles desistiram.

“Fui torturado. A porrada que levei, acho que jamais irei sentir na vida. Aquilo foi terrível. Era para ser um emprego, mas só me trouxe marcas que não esquecerei para o resto da minha vida”, referiu, com olhar cabisbaixo. Era como se sentisse a mesma dor quando falava.

Artur foi socorrido e conseguiu regressar a Moçambique. O sonho, aliás, o pesadelo da promissora África do Sul ficou para trás. O que era para ser um emprego, na verdade, era tráfico para extracção de órgãos.

Vendem-se vidas

Apesar de abolida em 1836, a escravatura persiste nas sociedades contemporâneas sob formas cruéis de exploração. Alguns a chamam de escravidão do século 21 e outros de escravidão moderna. Aqui, há vidas que ninguém sonha por detrás de promessas. Mulheres, crianças e homens são alvo de uma rede onde tudo se vende e tudo se compra. Falsas promessas fazem futuros “escravos”. A procura faz a oferta; a exploração sexual, laboral, mendicidade forçada, venda de órgãos fazem o circuito. O perfil adequado, segundo a Comissão Episcopal para Migrantes, Refugiados e Deslocados (Cemirde), consiste em pessoas vulneráveis, desprovidas de meios básicos de subsistência e em busca de melhores condições de vida.

Mulheres e adolescentes abastecem indústria do tráfico de pessoas

Catarina e Joana (nomes fictícios), de 14 e 17 anos, respectivamente, também caíram no circuito das redes do tráfico. São duas adolescentes traídas pelo laço familiar, aliciadas pela prima de uma delas. O pesadelo começou na própria casa. A prima cobriu-as de promessas: um emprego na África do Sul, moradia garantida e salário. Diante da vulnerabilidade e necessidade de dinheiro, uma das meninas deslumbra-se com as promessas e leva a sua amiga junto.

“Ela (aliciadora) disse que era para eu ir trabalhar na África do Sul como empregada doméstica e cuidar de bebé. Eu aceitei, porque queria ter dinheiro para estudar de dia, visto que o meu avô não trabalha nem tem dinheiro para pagar para mim”, conta a menor.

Afinal, as promessas eram vazias. A aliciadora partiu junto com a prima e a sua amiga para o distrito de Boane, localidade de Mahau, a 45 quilómetros da cidade capital. A fronteira da Suazilândia era para onde as menores seriam levadas, para depois entrarem ilegalmente na vizinha África do Sul. As menores deveriam ser vendidas: cinco mil meticais cada uma, para exploração sexual.

A intervenção da polícia da República de Moçambique impediu o esquema que reservava, quase seguramente, um futuro amargo às menores. E assim, somar-se-iam mais pessoas a favor da rede do tráfico, a chamada escravidão moderna.

<http://opais.sapo.mz/index.php/sociedade/45-sociedade/43987-a-escravidao-do-seculo-xxi.html>